

Apontamentos em Torno de uma Experiência com o Ensino de Filosofia

“As escolas têm seus papas, seus dogmas, suas ortodoxias. É função dos mestres instruir seus discípulos a caminhar com passos firmes. Não saltar nunca sobre o vazio. Nada dizer o que não esteja construído sobre sólidos fundamentos. Mesmo que com o aprendizado do rigor desaprenda-se o fascínio do ousar, o atrevimento do falar que hoje só pode dar-se se solidamente apoiado nas autoridades. Seus mapas bastam? O saber útil e cauteloso é o único merecedor de aprendizagem? Mas o que fazer quando se tem de caminhar por um rio saltando de pedra em pedra, cada pedra uma incógnita? Não seriam diferentes o mundo movido pelo obscuro e o mundo movido pelas certezas? Como ensinar o que não se sabe, o desconhecido”. (ALVES, Rubem “Ensinar o que não se sabe”, in *A alegria de ensinar*, São Paulo, editora Ars Poética, 1994.)

1. Das possibilidades de um contexto e o contato com a prática

É comum ouvirmos que o relato da experiência tem um peso maior de veracidade, talvez por ter ocupado de fato um tempo e um espaço efetivos, ou até mesmo por não dar como certa qualquer coisa pelo seu valor em si.

Penso que esta prática nos permite enxergar com mais proximidade o real campo das realizações possíveis, permeáveis, bem como o que é mais intrincado, nos colocando diante de desafios, podendo ou não incorrer num “blá, blá, blá” teórico, bem como numa prática perdida no ativismo.

Estes meus apontamentos se prendem a uma seqüência de atividades vivenciadas com alunos e alunas do ensino fundamental e médio, cujo horizonte passava a ser a filosofia, ou melhor, a disciplina de filosofia.

Ter assumido aquelas aulas, na verdade, foi um retorno à atividade docente, atividade esta inúmeras vezes prorrogadamente abandonada por mim devido às condições a qual foi submetida nas últimas décadas.

A escola não era mais a pública, a qual me dediquei por muitos anos, mas uma instituição particular recente e que considerou oportuna a idéia de inserir filosofia em seu currículo.

Nas primeiras reuniões de caráter pedagógico percebi inovações não apenas restritas à inserção desta nova disciplina no currículo, isto por que o grupo de professores e professoras alimentava o intuito de quebrar certas práticas vigentes na prática pedagógica, dentre as quais a de adotar livros didáticos, oportunizando que cada docente tivesse autonomia em relação a sua disciplina e assumisse a tarefa de produzir seu próprio material de trabalho.

Esta iniciativa dava sustento à intenção de diminuir as dificuldades apresentadas nos diversos níveis etários, principalmente por conta dos diferentes graus de aprendizagem em que se encontravam os alunos e alunas sob a responsabilidade da escola e de cada professor, ou professora. Outro intuito era a possibilidade, aberta naquele momento, em relação ao intercâmbio entre as diversas disciplinas da grade curricular.

No meu caso, os aspectos destas inovações eram duplamente desafiadores por não ser a filosofia uma disciplina comum e pelo fato de que um material didático teria que ser elaborado às diferentes faixas etárias e estendido a uma possível integração com as demais disciplinas.

Quanto ao aspecto da filosofia como disciplina no currículo, segui me valendo de um espaço, ainda não garantido em horas aula, equiparando-o àquele próprio das outras disciplinas, ao menos em grau de relevância. Um pouco à semelhança daqueles que nos anos 70 principiaram a luta pela volta da filosofia ao 2º grau, preoquepei-me primeiramente em fincar-lhe num lugar.

Isto feito, restava construir os termos em que esta atividade iria se realizar: procedimentos, estratégias, material próprio, tópicos de planejamento, cujo pano de fundo

eram, como já foi mencionado acima, as diferentes faixas etárias em que se encontravam os alunos e a heterogeneidade nos níveis de aprendizagem, sem contar os projetos de intercâmbio disciplinar.

O objetivo mais geral que me veio, nestas circunstâncias ainda iniciais, era o de estimular o aluno a escrever e falar sobre questões centrais na sua forma *de perceber o mundo* e isto de maneira um pouco mais aprofundada.

Num primeiro momento, com o intuito de dar um início a esta proposta, redigi pequenos textos sobre questões filosóficas como: liberdade, política, cultura, autonomia, pensamento, ideologia..., numa abordagem mais temática, tendo como ponto de partida livros de filosofia, de história da filosofia, didáticos ou não.

Estes textos eram lidos em sala de aula acompanhados posteriormente do seguinte roteiro:

- Qual a parte do texto que mais chamou a atenção que ficou, ou não, compreensível?

- Quais palavras oferecem mais resistência? A compreensão que temos das palavras é a mesma do texto? Há palavras que poderiam se assemelhar ou se diferenciar, para que fossem melhor compreendidas? Se uma palavra tiver uma nova compreensão isto muda a compreensão das outras palavras?

Este primeiro entendimento permitia aparar algumas arestas e oportunizava momentos de uma certa hermenêutica. Logo em seguida, uma questão era escolhida para discussão, que:

- Propiciava a troca de idéias, as considerações, as reconsiderações.
- Permitia descobertas acrescentadas àquelas que já possuía, ou não.
- Abria espaço para participação na forma de colóquio, diálogo.

Esta tarefa preliminar desembocava em atividades de escrita de modo que os alunos e alunas pudessem recompor, a seu modo, o que ali se experienciava, tendo agora que fazer escolhas, identificar o significado de conceitos, lidar com o próprio conhecimento, ter certas preocupações mais pausadas.

As aulas seguiram por um bom tempo este itinerário e alguns resultados foram surgindo em termos do aprimoramento das interpretações dos textos, das discussões e dissertações realizadas.

No entanto, alguns alunos(as) tomavam a dianteira da situação e acabavam por dominar as discussões em todos os momentos da aula, outros, porém, se tornavam passivos e dispersos por não se sentirem capazes, ou por indiferença justificada às atividades propostas em tom abstrato, mesmo que abertas à participação.

Nos atos das minhas comunicações, intermediando o debate, oferecendo fontes para pesquisa, realizando observações a partir dos textos oferecidos, me dei conta do papel que poderia ocupar frente aqueles alunos(as). Não se tratava apenas de conhecê-los em função de tal faixa etária e com um determinado grau de aprendizagem, ao qual se daria menção ao final de cada etapa de estudos, mas compreender, com mais propriedade, que cada um daqueles estudantes possuía uma forma própria de lidar com a realidade e que por vezes tal forma tinha um destaque ou se anulava, desaparecia, ou vinha à tona em função do modo como as atividades estavam se organizando. Assim comecei a alimentar um esforço, externalizando muitas vezes minhas preocupações a eles, no sentido de desmistificar as formalidades e seus protocolos. Mas, o que seria possível fazer ainda para que alguns não desaparecessem no excesso de aptidão, de competência e habilidade que lhes eram cobradas? O que seria preciso fazer para que outros conseguissem não introjetar em si o fracasso, o desânimo frente aos estudos, principalmente de natureza escolar? Seria possível que ambos construíssem, uma maneira original de colocar-se, sem prêmios e tentativas frustrantes, os desafios que a experiência da vida escolar lhes oferecia?

Ter me colocado estas questões, na época, não me permitiu uma resposta efetivamente prática, pois esta só seria correspondida com mudanças mais amplas e complexas, inclusive na escola, além das já realizadas, mas aguçou uma abordagem na qual se verificava que o que classificávamos, ou ainda classificamos como mais apto, ou menos apto, dizia, ou diz respeito a alunos(as) distantes de um projeto que lhes dê autonomia, uma oportunidade de caminharem por si mesmos.

A partir daí a minha atividade docente priorizou uma iniciativa a ponto de não considerar os limites de cada aluno apenas, com a intenção de direcioná-lo ao nível desejado, mas sim a de identificar, como já esbocei, a maneira própria com que cada um lidando com a realidade que lhes era peculiar poderia contribuir, através do exercício de escrita e da expressão oral, com questões significativas do seu ponto de vista, acrescidas de um enfoque filosófico. Estas elaborações, numa perspectiva mais geral, se tornariam pontos

de auxílio no campo dos conhecimentos ali construídos, criando as possibilidades para um acréscimo pessoal e por que não de partilha, de troca e enriquecimento mútuo.

Foi então que duas inversões começaram a se pôr, diferenciando-se da prática inicial já relatada:

- tornar os conteúdos menos abstratos, trocando-os por questões mais próximas da realidade com a qual conviviam os alunos e as alunas e de onde pudessem tirar elementos para discutir, escrever, elaborar suas teorias, seus registros e suas sistematizações, sem deixar de recorrer a leitura, análise e interpretação dos textos filosóficos propostos.

- oportunizar formas diferenciadas de organização de modo que os trabalhos realizados por cada um e por conseguinte as falas, as exposições dos textos e dissertações pudessem ser compartilhadas num clima de espontaneidade.

Como isto, o objetivo posto no início sofreu um acréscimo e pretendia agora estimular o aluno a escrever e falar sobre questões centrais na sua forma *de perceber* o mundo sim, mas priorizando a sua forma *de se perceber* no mundo e isto de uma maneira um pouco mais aprofundada.

2. O percurso dos filósofos: das sugestões dos seus sistemas ao filosofar

O caminho percorrido pelos filósofos pode ser bastante sugestivo para impulsionarmos nossa atividade no campo do pensar, revelando um certo sentido desta nossa experiência.

Como todas as criações e instituições humanas, a filosofia, por ter seu próprio percurso no tempo, deu vazão à questões, que nas mais diferentes épocas e sociedades os seres humanos colocaram a si próprios, diante do novo e do incompreendido. Em diálogo permanente com a sociedade e a cultura do seu tempo, do qual fez e faz parte, ofereceu respostas, caminhos e propôs novas perguntas.

Seus saberes já elaborados, sistematizados em sistemas, propostas, podem ser considerados saberes já adquiridos, matéria-prima a ser usada por outros pensadores em tom de crítica, refutação, ou ferramenta e instrumento para criação e acréscimos. Digamos que a filosofia tem suas contribuições pelo que acumulou durante séculos, pelos questionamentos, inquietações levantadas a partir do seu próprio contexto e pelos conceitos que nos deixou de herança.

Assim, verificamos que outros seres humanos em outras épocas e das mais diferentes formas, se depararam com preocupações e alimentaram seus pareceres. Os primeiros filósofos, por exemplo, se perguntaram sobre o nascimento e a morte dos seres, sobre suas diferenças, sobre as mudanças que lhes pareciam ser inerentes, sobre a doença que invade os corpos, sobre a oposição presente nas coisas a ponto de nada permanecer idêntico a si mesmo, sobre as repetições, enfim questões sobre as causas das mudanças, da permanência, da repetição, da desapareição e do ressurgimento de todos os seres, aspectos estes presentes em suas vidas a ponto de causar-lhes espanto, admiração e a partir dos quais foram construídas elaborações, presentes nos campos filosóficos da cosmologia, da antropologia, da ética, da política etc.

Discussões do dia-a-dia, para nos remetermos a um vocabulário mais contemporâneo, provocaram as possibilidades e os rumos nas pontuações teóricas produzidas e acumuladas pelos filósofos gregos, bem como pelos filósofos e pensadores em outras épocas em torno do pensamento e da prática, uma totalidade de saberes posteriormente agrupada, não sobre um único saber específico de algum assunto, mas numa diversidade de formas de conhecer, reservada em procedimentos próprios para cada campo do que se pretendia abordar.

Podemos considerar que os conteúdos filosóficos tendem a ser, considerados nos seus devidos contextos, um legado disponível que nos permite abordar temas dados nos dias de hoje pelo nosso cotidiano, e sobretudo um exemplo a aproximar o pensamento das questões da nossa época, impulsionando novos conceitos, apontamentos e ponderações. Do que se conclui que a filosofia não nasce de sistemas já elaborados e plenamente sistematizados, mas de discussões sobre aquilo com que os filósofos se deparam no espaço e no tempo onde viviam e sobre o qual levantaram questionamentos a ponto de construírem sistemas, respostas, perguntas, peculiaridades estas que podem nos servir de método para principiarmos o nosso filosofar.

3. No contexto de sala de aula

Na condição de participante do meio escolar, quem já não se deparou com as mais diferentes situações em que o aluno, resistindo às formalidades da disciplina, aos

abstracionismos de um conteúdo distante, e ao desconforto de permanecer horas a fio numa mesma posição, agisse com indiferença?

Certamente não descarto aqui uma série de outros motivos substanciais incluídos neste tipo de atitude, por não ser a escola a síntese, a totalidade vivida por cada estudante, o que também não exige o contexto escolar de agravar tal comportamento.

Feitas as devidas ponderações, resquícios de uma certa cristalização da razão pode ter uma parcela de influência neste estado de coisas. Nossas escolas seguem rigorosamente um modelo em que o raciocínio, em seu caráter individualizante, é trabalhado em excesso. Em nome da apreensão necessária de axiomas e postulados matemáticos, de sintaxes e análises morfológicas da língua, de nomenclaturas próprias da física, da química e da biologia, seguimos um trajeto e o recomendamos a nossos alunos(as), a partir do qual a mente humana buscará elementos para tomar para si a compreensão exata do fenômenos, sustentando ter condições de entendê-los, explicá-los e dominá-los plenamente.

Entre o excesso deste aspecto e a falta de tantos outros, uma avaliação pode carregar propósitos mais significativos na prática em sala de aula. Se o cérebro segue percorrendo esta via, as demais particularidades do nosso corpo dão sinais de cansaço, pedem alívio, desejam movimento e a satisfação de suas necessidades.

Mediante estas considerações e inserindo novamente aqui o trajeto desta experiência prática com o ensino de filosofia, combinamos, eu na condição de professor e os alunos(as) sob minha responsabilidade, alguns procedimentos, válidos enquanto se mantivessem ativas as atividades a que nos propusemos realizar.

Da parte dos alunos(as) ficava valendo o seguinte:

- O ponto de partida de nossas conversas seria, dali em diante, pautado em atividades de escrita pessoais tendo como referência problematizações do dia-a-dia e as leituras indicadas.

- Cada aluno em particular escolheria um tema, a partir do qual desenvolveria uma dissertação contínua como trabalho próprio, tarefa esta a ser desenvolvida em casa e para a qual deveria organizar-se durante a série cursada. Caso quisesse dar prosseguimento a um tema coincidente nas etapas seguintes de estudo, isto ficaria a seu critério.

- Haveria momentos de socialização e de troca destes trabalhos de pesquisa, em grupos pequenos na maioria das vezes com quem se sentisse mais à vontade e para todos

colegas da sala um vez ao final do ano letivo. Em ambos os casos o aluno e sua produção ficavam abertas as possibilidades das sugestões, acréscimos, críticas, confirmações por parte dos colegas.

- Das duas aulas semanais, durante os três primeiros bimestres do ano letivo, as atividades de conversação sobre os assuntos desenvolvidos por cada aluno eram priorizadas, dando-se em duplas, trios, quartetos, sempre em número reduzido de participantes, facilitando a conversação. Quanto ao lugar desta ocupação poderia ser a sala de aula, a biblioteca, as mesas do pátio...

Da parte do professor:

- Ficaria a responsabilidade de oferecer subsídios, pretextos, à realização e acompanhamento dos trabalhos: noções de metodologia, de filosofia, textos, livros, jornais, periódicos, revistas etc..

- Estava reservada a tarefa de organização dos momentos de troca nos grupos, das produções realizadas, em termos das correções, acréscimos, críticas.

- Caberia discutir pessoalmente com cada aluno o seu trabalho, caso houvesse esta solicitação.

- Tornaria oportuna contatos com todos os alunos(as) da sala, abrindo espaço para discutir pontos a serem conservados, ou mudados na prática da qual nos ocupávamos.

Pelo exposto na abertura deste texto, certamente uma série de dificuldades foram surgindo com o desenrolar destas atividades, seja da parte dos que administravam a escola, bem como dos colegas de trabalho, questionados pelos alunos e alunas em suas práticas, isto para não adentrarmos mais propriamente na estrutura da escola, da biblioteca aos espaços físicos, pouco preparados para este tipo de organização.

No entanto, a seriedade com que prosseguimos trabalhando permitiu maiores conquistas em comparação aos percalços encontrados. Tal fato se deve, em grande parte, à intenção apenas de tornar comum noções oferecidas pelo universo filosófico, o que permitiu àqueles estudantes, do ensino fundamental e médio, um contato com o legado dos pensadores, e de suas próprias conquistas neste campo do conhecimento, podendo estas experiências somarem e acrescentarem ao percurso de suas vidas na escola.

4. Para além da sala de aula

Acredito não ser demais dizer que esta experiência incentivou atividades para além da sala de aula. Os alunos e alunas sugeriram a proposição de um projeto de integração, uma espécie de organização alternativa a permitir discussões mais amplas, inclusive nos termos das suas possíveis interferências no meio escolar.

Mas como grande parte de nossas escolas segue apenas servindo-se das formalidades inclusive as acadêmicas, a tão almejada integração ficou reservada a um contato do serviço de orientação educacional com alunos(as) em dificuldade de sociabilidade, aprendizagem, motricidade etc.

5. Finalizando...

O caráter experimental do que até aqui se disse não autoriza que se conclua de forma acabada estes apontamentos. Ao contrário, estas considerações são apenas sugestivas e não quiseram trazer a verdade para uma atividade mais convincente no ensino da filosofia, até por que tantas outras práticas podem alçar conquistas mais interessantes neste campo.

Entretanto, as diversas questões inseridas aqui, parecem colocar em pauta dois aspectos bastante sugestivos. Um de caráter mais filosófico, indicado através dos temas, discussões filosóficas propostas pelos alunos e alunas, ou pelo professor, posto como uma espécie de antídoto à visão utilitarista de mundo, ao mecanicismo das nossas ações diárias, proposta pouco comum nos dias de hoje, e um outro, de caráter pedagógico, focalizado precisamente no ensino de si mesmo podendo abrir-se para o ensino mútuo, cujo espaço arrefece-se paulatinamente em nossas escolas para uma abordagem restrita à aprendizagem apenas.

Pelo que conseguimos verificar nos termos desta experiência, ambas as atividades, da filosofia e do seu ensino, estão contempladas no relato desta experiência. Servindo-nos

do exemplo dos filósofos, principalmente no modo como operaram, podemos encontrar caminhos, maneiras de organizar nossa prática. Em seus sistemas, conceitos, categorias, um campo sugestivo de diferentes abordagens e enfoques do real, janelas que nos permitem ver a realidade em diversas perspectivas. Com respeito ao ensino, os seus sujeitos, na condição de alunos(as), ou mesmo de professor, se fazem presentes e assumem as responsabilidades que lhes são sugeridas, ensinando e aprendendo mutuamente na escrita, nas ponderações, reconsiderações, inferências, sugestões,... de onde nascem seus próprios trabalhos e o sentido da prática educativa.

6. Bibliografia de referência

- A FILOSOFIA e o ENSINO da FILOSOFIA: teses e debates apresentados no Encontro Nacional de Professores de Filosofia. São Paulo: Convívio, 1979.
- ALVES, N. e GARCIA, R. L. (orgs.) *O sentido da escola*. 2. ed. - Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- ALVES, Rubem. “Ensinar o que não se sabe”, in *Alegria de ensinar*. São Paulo: Arts Poetica, 1994.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. *Filosofando: introdução à filosofia*. São Paulo: Moderna, 1992.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. *Temas de Filosofia*. São Paulo: Moderna, 1992.
- BOCHENSKI, I. M. *Diretrizes do pensamento filosófico*. São Paulo: Herder, 1964.
- BORNHEIM, G. A. *Introdução ao filosofar – o pensamento filosófico em bases existenciais*. Porto Alegre: Globo, 1970.
- BUZZI, Arcângelo R. *Filosofia para principiantes: existência humana no mundo*. 4ª edição, Petrópolis: Vozes, 1994.
- CHAUÍ, Marilena e outros. *Primeira filosofia; lições introdutórias*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. São Paulo: Saraiva, 1995.
- COLEÇÃO Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense.
- ENGUITA, M. F. *A face oculta da escola*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

ENSINO de FILOSOFIA: coletânea de textos dos 1º e 2º encontros estaduais de professores de filosofia. Organizador Henrique Nielsen Neto. São Paulo: SOFIA Editora SEAF, 1986.

FOLSCHEID, D. e WUNENBURGER, J-J. *Metodologia Filosófica*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

GALLO, S. e KOHAN, W. O. (Orgs.). *Filosofia no ensino médio*. Petrópolis. V. 6: Editora Vozes, 2000.

GALLO, Sílvio (Org.). *Ética e Cidadania*. Campinas: editora Papirus, 1998.

GALLO, Sílvio. *Educação Anarquista: um paradigma para hoje*. Piracicaba: Unimep, 1995.

HUISMAN, D. *A filosofia para principiantes*. Lisboa: publicações Dom Quixote, 1983.

HUISMAN, D. e VERGEZ, A. *História dos filósofos ilustrada pelos textos*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1970.

PRADO JR. C. *O que é filosofia*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

SAUTET, Marc. *Um café para Sócrates*. 3ª edição. Rio de Janeiro: editora José Olympio, 1997.